

A EMANCIPAÇÃO DO HOMEM EM PAULO FREIRE E AS PRINCIPAIS CRÍTICAS AO SEU PENSAMENTO

Jonas Natalli Partelli¹

Prof. Me. Mukabi Misik Senga Pierre ²

RESUMO

O presente artigo tem como intenção de analisar o pensamento educacional e pedagógico do autor brasileiro Paulo Freire. Tomaremos como base de estudo a sua principal obra “Pedagogia do oprimido” bem como análise de diversos de seus comentadores, tendo como objetivo a compreensão do papel fundamental de seu pensamento no que tange à esfera educacional para a emancipação do homem como um sujeito capaz de desenvolver-se no âmbito social, político e cultural, desvencilhando-se de sua condição de oprimido sob o viés da educação. Ademais, pretende-se por meio deste estudo, compreender como o método de Paulo Freire pode contribuir para a emancipação do sujeito; apresentar as principais ideias do pensamento freiriano; definir o conceito de emancipação no pensamento do nosso autor; identificar os argumentos utilizados pelos opositores para criticar o pensamento de Paulo Freire. Desse modo, pensar a respeito da educação com um cunho filosófico possibilita um processo reflexivo para compreender o ser humano em todas as suas esferas, pois nele está inerente a capacidade cognoscente de revisão do processo educativo, ou seja, em cada sujeito há uma capacidade de interpretação das diferentes realidades em que os próprios estão inseridos, possibilitando a conscientização e a libertação do homem inserido em seu meio social.

Palavras-chave: Educação. Oprimido. Educação Dialógica. Paulo Freire.

ABSTRACT

This article aims to analyze the educational and pedagogical thinking of the Brazilian author Paulo Freire. We will take as a basis for study his main work “Pedagogy of the oppressed”, as well as analyses of several of its commentators, aiming to understand the fundamental role of his thinking in the educational sphere for the emancipation of man as a subject capable of developing himself in the social, political and cultural sphere, dismaying his condition of oppressed under the bias of education. Besides, it is intended through this study, to understand how Paulo Freire’s method can contribute to the emancipation of the subject; present the main ideas of the Freirian thought; define the concept of emancipation in the thought of our author; to identify the arguments used by opponents to criticize Paulo Freire’s thinking. Thus, thinking about education in a philosophical way enables a reflexive

¹ Graduando do Curso Bacharel em Filosofia do Unisales – Centro Universitário Salesiano de Vitória. E-mail: jonaspertelli2@gmail.com

² Licenciado em Filosofia pela Universidade São Francisco de São Paulo (USF/ Campus Pari - São Paulo. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/ Campus Perdizes - São Paulo). E-mail: mpierre@souunisales.com.br / ibnsenga@hotmail.com

process to understand the human being in all his spheres, because within him is inherent a cognoscent capacity to review the educational process, that is, in each subject there is a capacity to interpret the different realities in which themselves are inserted, enabling the awareness and liberation of the man inserted in his social environment.

Keywords: Education. Oppressed. Dialogical Education. Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo se apresenta as principais ideias do pensamento de Freire, na tentativa de explicar o método pedagógico por ele idealizado, confrontando-o com algumas das críticas que são feitas ao processo. Na metodologia de Freire o sujeito é retratado na condição de oprimido e tem na educação os meios para emancipar-se na sociedade a qual está inserido.

Este artigo também apresentará a importância do método utilizado por Paulo Freire, suas contribuições principais, as etapas pedagógicas que o constituem e a definição do conceito de emancipação em seu pensamento, aceitando a ideia de que os instrumentos utilizados para a alfabetização não estão acabados e não devem possuir um material didático pronto e fechado, possibilitando possíveis adequações e adaptações que, por sua vez, dialoguem com as circunstâncias e condições sociais, políticas, econômicas e culturais nas quais os educandos estão inseridos.

Destarte, conforme o pensamento freiriano, tal material não pode ser aplicado da mesma forma em diferentes grupos. Freire se atenta ao desenvolvimento do conhecimento que se dá continuamente e ocasionado pelo desenvolvimento sócio-político-econômico, sendo dialético e essencialmente inacabado, um processo que se auto alimenta.

Para Freire (2005), o indivíduo não se educa sozinho, é necessário que ocorra uma recíproca troca de conhecimento partindo da essencial premissa: Educador e educando se complementam na arte de aprender. Isso significa que educador e educando interagem nessa troca de conhecimento, há recíproca contribuição entre as partes. Deixa então de existir o que Freire (2005) denomina como educação bancária, unilateral e autoritária.

Nessa relação dialética o sujeito toma consciência do seu papel na sociedade, sobretudo, como um ser pensante capaz de interagir e produzir conhecimento para tornar a sociedade mais justa e livre de opressores e oprimidos. Freire (2005) critica

a pedagogia antidialógica por ser uma educação unilateral, sem debates e criticidade ou construção de conhecimento, confrontando-a com seu método dialógico, defendendo a ideia de pensar e repensar a educação brasileira.

Como parte de sua proposta, este artigo pretende verificar como os mecanismos utilizados por Paulo Freire viabilizam uma educação eficiente e contínua, tendo por base a realidade de cada lugar e pessoa. Desta maneira, ponderando algumas das críticas recebidas, analisaremos o seu alcance e resultado na educação de adultos.

Abordar como tema o pensamento de Paulo Freire é de suma importância para a sociedade atual no que tange à educação de adultos e à erradicação do analfabetismo no Brasil e no mundo, já que seu ideal foi disseminado para outros países. Tal perspectiva deste tema se faz relevante nos campos acadêmico e científico, podendo contribuir com discussões e reflexões já existentes a partir de um viés político-pedagógico inerente à emancipação dos indivíduos alfabetizados. Destaca-se que o país tem enfrentado o crescimento do número de analfabetos funcionais, isto é, pessoas incapazes de compreender textos e operações matemáticas simples e de organizar as próprias ideias para expressar, uma argumentação, por exemplo.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DO MÉTODO PAULO FREIRE

Paulo Reglus Neves Freire, educador pernambucano, nascido aos 19 de setembro de 1921, vivenciou na própria pele as grandes dificuldades enfrentadas pelo povo brasileiro referente às necessidades básicas de sobrevivência tais como preconiza a Constituição Federal Brasileira, (BRASIL, Art.6º. Cap. II):

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, proteção à maternidade e a infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição.

Ainda muito jovem o seu pai veio a falecer, o que fez com que a família enfrentasse ainda mais dificuldades em decorrência do agravamento da situação financeira face a uma realidade de crise que não era específica ao Brasil e suas periferias, mas uma crise de ordem mundial. Freire vivenciou os efeitos da crise de 1929 que ocasionou diretamente o desemprego e a fome de milhares de brasileiros, como também trabalhadores da Europa e dos Estados Unidos, com implicações no exercício do Direito à educação.

Segundo Paulo Freire (2005), sem educação é impossível haver isonomia. A equiparidade de direitos parte de um conjunto de direitos sociais que têm como inspiração o valor da igualdade entre as pessoas. No Brasil os direitos sociais somente foram reconhecidos na Constituição Federal de 1988. Até então, o Estado não tinha a obrigação legal na garantia da educação de qualidade a todos os cidadãos brasileiros, assim, o ensino público era considerado como uma assistência, um amparo cedido àqueles que não podiam pagar. Também o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, no seu Art. 53º, com o texto: “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho bem como a Lei 9.394 de 1996 das Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Art. 2º, reforçam a importância da educação enquanto premissa básica de sua ideologia:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A educação é também um dever da família e do Estado. Juntos, o conjunto de leis possibilitam acesso a escolarização básica a todos os brasileiros, regulamentando que nenhuma criança, jovem ou adulto pode deixar de estudar por inexistência de vaga e condições materiais. Em muitas regiões do Brasil, as crianças trabalham para ajudar no sustento da casa, situação vivenciada também por Paulo Freire e, por isso, não recebem incentivo familiar para se dedicarem à escola.

Contudo, estas experiências contribuíram, de certa forma, para a formação desse importante pensador brasileiro, na construção do seu caráter e constituição de sua personalidade. Isto de modo que, mais tarde, serviria de base na idealização de sua nova metodologia para a alfabetização que, por sua vez, mudaria a história da educação brasileira. Freire também se formou em direito, no entanto, não seguiu carreira dando lugar à sua vida acadêmica no magistério.

Foi convidado em 1947 para trabalhar no SESI, o que lhe conferiu proximidade com a realidade dos trabalhadores e sua educação. Também foi membro do Conselho de Educação de Recife e alguns anos depois, diretor da Divisão de Cultura e Recreação da Prefeitura Municipal de Recife. (DESMARAIS, 2011. p. 12).

Também teve importância fundamental como vai dizer (ZITKOSKI, 2006, p. 91):

Extrapolando a área acadêmica e institucional, Freire engajou-se nos movimentos de educação Popular. Foi um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife e nele trabalhou, juntamente com outros intelectuais, buscando valorizar a cultura popular e promover a participação

das massas na vida da sociedade brasileira e em seu processo de democratização. Foi com esse trabalho que foram lançadas a semente do Método Paulo Freire, com o autor assessorando as campanhas de alfabetização em várias regiões do nordeste brasileiro, a exemplo de Natal e Angicos, no estado do Rio Grande do Norte.

Observando toda a realidade que o cercava, a vida das pessoas, as condições sócio-políticas, econômicas e culturais, as histórias de cada lugar e indivíduo, Freire desenvolveu um projeto de alfabetização para adultos tendo como ponto de partida esta vida real, muito concreta, a realidade dos mesmos. Conforme o método de Paulo Freire, aquilo que para os alfabetizandos era conhecido, palpável e possível, se tornava o diálogo entre os mesmos e a sociedade. A premissa é a de que os indivíduos são protagonistas de seu próprio processo educacional. Assim, Freire tomou como base um método que se adequasse às várias realidades do povo e não um método formatado.

Paulo Freire pensa que “enquanto os ‘grandes debates’, os ‘seminários revolucionários’ permanecerem dentro da escola, cada vez mais isolados dos problemas reais e longe das decisões políticas, não existirá uma educação libertadora” (FREIRE, 2011, p. 11). As ideias de Freire surgem num contexto “onde, no início da década de 1960 no Brasil, a metade de seus trinta (30) milhões de habitantes viviam na cultura do silêncio, isto é, eram analfabetos” (GADOTTI, 2004, p. 32).

A educação qualifica o cidadão para o trabalho e facilita sua participação na sociedade. A Constituição de 1988 no art. 205 prevê “Todos os cidadãos têm direito à educação”. E por meio da educação o brasileiro pode vislumbrar uma vida livre da pobreza e ter mais participação na sociedade através da qualificação para o trabalho. É notório que sem acesso à educação nenhuma pessoa é capaz de exigir e exercer direitos civis, políticos, econômicos e sociais, o que prejudica sua inclusão na sociedade moderna.

Por esta razão, era necessário dar voz a este povo para que saíssem ou que pudessem superar o colonialismo³ que regia a sociedade da época. Nesse sentido

³A ideologia do colonialismo começa a aparecer quando a expansão europeia se define nas descobertas ultramarinas. Adquire suas dimensões mais amplas, entretanto quando, a Revolução Industrial, determinadas áreas do mundo, a americana principalmente, emancipam-se de suas metrópoles, constituindo-se novos países. Mantida a estrutura colonial de produção, tais países deixam de gravitar em torno de suas metrópoles antigas, para gravitar em torno de outras, não tituladas assim, que regulam o seu desenvolvimento econômico. Através da ideologia do colonialismo, a camada culta dos povos oriundos da fase colonial estrita é ganha, - preparada que está pela sua condição de classe, - para aceitar a subordinação econômica, atribuindo-a a fatores não materiais:

“as primeiras experiências desse método começaram na cidade de Angicos (RN), em 1962, onde 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias.” (GADOTTI, 2004, p. 32). Esse método teve uma grande repercussão, pois se baseava no diálogo e na conscientização de cada indivíduo. No ano seguinte, em 1963, Freire foi convidado pelo então presidente João Goulart e Paulo de Tarso para repensar a educação de adultos no âmbito nacional para a criação de um plano educacional da alfabetização de adultos.

Em 1964, quando forças militares tomaram o poder em nosso país, esse projeto foi vetado, decretando o fim da democracia, por essa razão “não houve tempo para passar das primeiras experiências para os trabalhos de amplo fôlego com a alfabetização de adultos” (BRANDÃO, 2006, p. 19). Todo o material que havia sido pensado juntamente com os membros da educação foi apreendido. Brandão (2006, p. 19) escreve:

Em fevereiro de 1964, o governo do Estado da Guanabara apreendeu na gráfica milhares de exemplares da cartilha do Movimento de Educação de Base: Viver é Lutar. Logo nos primeiros dias de abril, a Campanha Nacional de Alfabetização, idealizada sob direção de Paulo Freire, pelo governo deposto, foi denunciada publicamente como “perigosamente subversiva”. Em tempo de baioneta a cartilha que se cale. Aqueles foram anos – cada vez piores, até 1968 – em que por toda a parte educadores eram presos e trabalhos de educação, condenados.

Paulo Freire foi um dos primeiros educadores a ser preso e, logo após, exilado por cerca de 16 anos. Estando no Chile, Freire desenvolveu o seu método trazendo para o país o reconhecimento da UNESCO como um dos cinco países que se destacaram no âmbito da educação.

Suas ideias no campo da educação, de onde também derivam ideias filosóficas, influenciaram e ainda influenciam educadores, cientistas sociais, teólogos, pedagogos, militantes políticos e lideranças populares não somente na América Latina e da África, mas também dos Estados Unidos e de diversos países da Comunidade Europeia e de outros continentes (VALESE; SCHNORR, 2018, p. 219).

Seu pensamento é reconhecido internacionalmente, com diversos títulos angariados pela sua forma inovadora de transmitir conhecimento à classe oprimida por uma sociedade injusta, a partir da necessidade de uma educação praticada numa perspectiva crítica e autônoma, tornando os sujeitos capazes de transformar sua realidade político-social.

superioridade de raça, superioridade de clima, superioridade de condição geográfica, que predestinam as novas metrópoles. É, em suma, a preparação para o imperialismo, a cuja agonia estamos assistindo, nessa fase de decomposição das áreas coloniais, sob novas condições (SODRÉ, 1984, p. 8).

2.1 O MÉTODO PAULO FREIRE

O método de Paulo Freire criado, sobretudo, para a alfabetização de adultos e pretende viabilizar a inserção dos indivíduos no mundo como sujeitos pensantes, capazes de desenvolver um pensamento crítico sobre a realidade em que estão inseridos. Esse método apresenta-se como ferramenta na construção e apreensão do conhecimento num diálogo entre educador e educando, buscando a essência ontológica do homem que é a busca de sempre “ser mais”. Mediante a uma realidade social onde os sujeitos estão inseridos, numa relação nada amigável ou harmônica, entre uma classe de opressores e outra de oprimidos.

Essa libertação tão almejada por parte dos oprimidos se daria segundo Freire, por meio da educação. Sua experiência pessoal lhe conferia a coerência do método e seu objetivo, além de o estimular a difundi-lo nas periferias da humanidade. Após ter observado a experiência de sua práxis educativa, Freire entende que só o homem na condição de oprimido seria capaz de se libertar de uma sociedade ideologicamente opressora. Freire diz:

Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, “a educação como prática da liberdade” postula, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido”. Não pedagogia para ele, mas dele. Os caminhos da libertação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente (FREIRE, 2005, p.7).

O método que possibilita a obra “Pedagogia do Oprimido” e demais obras do autor é baseado na prerrogativa de que o homem como sendo um ser social, toma consciência de si e de todas as coisas que o cercam, sendo competente para transformar-se em algo cada vez melhor e, acima de tudo, sendo habilidoso em transformar o meio social em que se encontra. No entanto, esta atitude que o homem é capaz de desenvolver se dá através da coletividade, à medida que o ser humano é um ser social e participante ativo do mundo sob o viés da consciência. Vai dizer Fiori:

A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é a luz interior da outra, uma comprometida com a outra. [...] Paulo freire não inventou o homem; apenas pensa e pratica um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de redescobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele se descobrindo, manifestando e configurando – “método de conscientização”. [...] As consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois a consciência é sempre, radicalmente, consciência do mundo (2005, p.15).

O referido método elucidava o conceito de cultura e humanização por entender que o ser humano é um ser social dotado de cultura. Por esta razão, Freire entende que o indivíduo quando privado de uma educação libertadora e consciente pautada em reflexões críticas acaba caindo num universo repleto de julgamentos, no qual essa sociedade exclui e desumaniza os mesmos fazendo com que se sintam fora dessa sociedade que é opressora.

No entanto é possível perceber que o método proposto por Paulo Freire faz com que o homem se encontre consigo mesmo, com os seus semelhantes, tornando-se apto em se libertar de sua condição de oprimido e sendo capaz de transformar o mundo a sua volta.

Todos juntos, em círculo, e em colaboração, reelaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza. As mãos que o fazem, não são as que o dominam. Destinado a liberá-los como sujeito escraviza-os como objetos (FREIRE, 2005, p. 18).

Visto como via de mão dupla, o método de Paulo Freire se caracteriza em sua essência tendo como um de seus pilares de sustentação a dialética, pois Freire entende a dialética como parte essencial no processo educacional para a alfabetização de jovens e adultos, no qual ninguém poderia ser considerado como detentor do saber e que ninguém seria autossuficiente em aprender sozinho. Por esta razão, educador e educando se complementam na troca de conhecimento, como vai dizer Valese e Schnorr (2018, p. 221) “o processo de aprendizagem não é isolado, mas coletivo, numa práxis que se faz da ação-reflexão-ação.” Menciona Brandão:

A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor, dá para pensar sem susto -, não pode ser imposta. Porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a autoeducação é um diálogo à distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum (BRANDÃO, 1981, p. 22).

Brandão vai acrescentar também que “Um dos pressupostos do método é a ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho” (2006, p. 21). Portanto é necessário que haja sempre essa via de mão dupla que sustenta a educação.

3 A EMANCIPAÇÃO DO HOMEM E ETAPAS DO SEU PENSAMENTO

Para Freire, a ideia de emancipação do homem é uma grande conquista política que ocorre através da práxis humana numa busca incessante pela libertação dos oprimidos. Todavia é necessário que se tenha um olhar empático para com os indivíduos que são desprovidos e marcados pela dor e que sofrem as lamúrias de uma sociedade desumana e opressora para que a partir dessas premissas se pense no “como emancipar”.

Para Freire (2005), ao abordar o tema da emancipação não se pode ignorar as várias formas de opressão e de dominação do mundo neoliberal e de exclusão. É reconhecer que essas pessoas privadas das necessidades básicas, perdem a alegria de viver sendo incapazes de encontrar a liberdade. Contudo, esse processo de autodescoberta como seres participantes de uma sociedade que busca a democracia se dá de maneira política e que assume uma realidade futura para uma verdadeira transformação social. Em sua obra “Pedagogia do Oprimido” Freire apresenta uma pedagogia não somente para os oprimidos, mas visando a emancipação de todos quando ele diz:

E essa luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE, 2005, p. 33)

Nesse processo emancipatório, Freire atenta-se ao multiculturalismo, isto é, ao direito de ser diferente. Nesse ponto pode-se chegar a uma sociedade democrática, para ser mais claro, a condição para a emancipação no entender de Freire, seria uma sociedade socialista.

É necessário que se faça uma distinção dos mecanismos de troca de conhecimento utilizado por Freire e a educação convencional já pronta dotada de ideologias e técnicas na escolástica, para que se compreendam de fato as etapas de seu método. Esse método vai além de uma simples alfabetização convencional, levando o indivíduo iletrado a interagir no contexto social e político, fomentando nos próprios educandos um despertar para a cidadania, tornando-se um colaborador essencial para a transformação social.

Por essa razão o método precisa se refazer nas diferentes realidades onde é aplicado. Busca-se a construção do homem nas relações com o mundo, esse

método não pode ser fechado, concluído, precisa ser dialético, ou seja, deixar a criticidade vir à tona. Ademais, não há um material didático, avaliações ou qualquer outro procedimento acabado. As etapas em si seguem um cronograma para que se possa ter um seguimento mais completo no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem.

3.1 CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS DO MÉTODO FREIRIANO

Baseado na escolástica, os parâmetros de ensino no Brasil seguem desde a idade média uma proposta educacional na qual o aluno não é estimulado a fazer análises de conteúdo, ter criticidade sobre os assuntos em sala de aula e tão pouco terem a oportunidade da troca de conhecimento com os professores. Deste modo, a educação tradicional caminha com passos lentos no que diz respeito a termos uma sociedade capaz de pensar o seu próprio mundo. Baseado em uma nova pedagogia, Freire visa uma educação diferente do que vemos nas escolas convencionais, segundo ele o conhecimento não deve ser um pacote fechado transmitido de professor para aluno, mas deve ser dinâmico.

Por essa razão não se pode ter apenas um detentor do saber, mas uma troca de conhecimento consciente de maneira dialógica e não bancária. Freire (2005) ressalta a necessidade do educando se reconhecer como participante ativo desse processo de aprendizagem e não como um simples objeto. Com suas palavras Freire (2005, p. 62) vai dizer: “é como homens que os oprimidos devem lutar e não como coisas”. Desta maneira o educando se reconhece capaz de produzir o seu próprio saber.

3.2 PEDAGOGIA ANTIDIALÓGICA OU BANCÁRIA

Entende-se por método educacional antidialógico ou bancário o processo de aprendizagem imutável, estático e os mecanismos de interação para com os indivíduos que não se dão de forma dialética, mas linear. Neste sentido, não há criação de conteúdo por parte dos educandos, eles apenas absorvem conteúdos narrados pelos detentores de conhecimento. Freire diz que “há uma quase enfermidade da narração. A tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar”. (FREIRE, 2005, p. 65).

Esse tipo de pedagogia contribui para que se mantenha o estado da prática educacional que Freire contraria, inviabilizando a transformação do próprio indivíduo e, por conseguinte, a sociedade ao qual ele está inserido. Por outro lado, a temática abordada nesse mecanismo bancário não condiz com a realidade dos educandos como algo que eles não sabem e que precisam aprender. “desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”. (FREIRE, 2005, p. 67) e ainda salienta que “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2010, p. 47).

Todavia, trata-se de uma educação aniquiladora que, por sua vez, não gera mudanças na consciência dos indivíduos, na realidade de cada pessoa. Os educandos são controlados e oprimidos na sua forma de pensar e agir. Freire vai dizer que:

A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida. A concepção “bancária”, que a ela serve, também o é. No momento em que se funda num conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma, por isso mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo de libertar o pensamento pela ação dos homens uns com outros na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais e mais humano (FREIRE, 2005, p. 74).

O que se deseja nesse contexto educacional regido por uma classe opressora é fazer com que os educandos não levantem qualquer pensamento crítico sobre a realidade em que vivem. O sentido da educação em Paulo Freire decorre de uma incompletude dos seres humanos. Em detrimento, modificar-se está ligado com uma necessidade da natureza dos sujeitos, em vista de complementarem-se como pessoas assumindo sua vocação de ser mais. Deste modo freire vai dizer que:

A questão está em que pensar autenticamente é perigoso. O estranho humanismo desta concepção “bancária” se reduz a tentativa de fazer dos homens o seu contrário— o autômato, que é a negação de sua ontológica vocação de ser mais. (FREIRE, 2005, p. 70)

É perceptível que haja nas obras freirianas diversas formas de educação e não um método propriamente definido, isto é, “[...] formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser”, (ROMÃO, 2008, p. 150).

Em Freire, a pedagogia antidialógica não se baseia nem preza pelo diálogo, o que levaria o educando, segundo ele, a adquirir conhecimento. Ao analisar a etimologia da palavra “diálogo”, entende-se como palavra dividida, ou seja, partilhada entre

duas ou mais pessoas. Para Paulo Freire (2005), as escolas não fazem uso do diálogo no processo educacional vigente, neste prisma, há uma relação entre educador e educando que é meramente a “de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras” (FREIRE, 2005, p. 65). Neste contexto, existe o educador agindo como detentor de conhecimento e o educando na condição de receptor.

3.2.1 Pedagogia Dialógica

A pedagogia dialógica comunga de um processo sócio-político-cultural no qual os indivíduos, como seres sociáveis, interagem-se mutuamente. A dinâmica utilizada por Freire no âmbito educacional não é diferente, baseia-se unicamente na dialogicidade, ou seja, na troca de informações e conteúdos entre os educandos. Por essa razão, não há uma educação construída sem a sustentação do diálogo, das experiências de cada sujeito. Freire vai dizer: “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2005, p. 91). E acrescenta a seguinte afirmativa:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

Nesse sentido, o diálogo deve estar intrínseco no âmbito pedagógico como medida que viabiliza a transformação do mundo. Freire sustenta o pensamento de que o diálogo só será possível à medida que ele estiver ligado diretamente com as demais ações humanas como o amor, humildade, fé, esperança, sentimentos esses que devem ligar educador e educando. Freire (2005, p. 91) vai dizer: “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens”. Outro importante ponto é a humildade “[...] não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante” Freire (2005, p. 92).

Todavia, a sustentação fundamental para o diálogo é a fé no sentido da essência do ser humano. Nas palavras de Freire:

A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. O homem analógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem

eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. (FREIRE, 2005, p. 93).

Nesse processo de luta pela transformação social e do próprio sujeito, o educador precisa, de certa forma, acreditar e aguçar as potencialidades que o educando traz na sua essência no que diz respeito às capacidades humanas. Para Freire esse processo é libertador e consciente. Se não for dessa forma o educando não se sentirá confortável para expor suas ideias. Sendo assim, Freire entende que somente através do diálogo entre educador e educando é possível se chegar num pensamento reflexivo no qual o homem dialoga consigo mesmo e com o mundo à sua volta.

Nesse sentido, para Paulo Freire, o diálogo constrói e objetiva o pensamento crítico e por sua vez se difere do pensamento ingênuo da realidade em que se encontra o sujeito. Desse modo, a linguagem-pensamento se dá na relação em que o sujeito dialoga consigo mesmo no momento em que pensa, e dialoga com o mundo a sua volta quando fala, não de forma ininterrupta, mas relacionada e simultânea. Por essa razão, Freire entende que é possível desenvolver-se criticamente sobre tudo o que está a sua volta por meio do diálogo crítico. Freire (2005, p. 95) vai dizer que: “[...] não há diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico”.

Enfim, o educador que se percebe numa realidade que não é estática e, por sua vez, está num constante devir, que precisa ser pensado e repensado, que se reconhece numa condição de oprimido, desumanizado, que possui ao longo de suas trocas de conhecimento a capacidade crítica de enxergar o mundo, realiza o verdadeiro diálogo na tentativa de solucionar sua condição de oprimido. O diálogo-crítico em suma, possibilita a liberdade e conscientização.

4 PRINCIPAIS CRÍTICAS AO MÉTODO FREIRIANO

Ao analisar as críticas referentes ao pensamento e o método que Paulo Freire idealizou e propôs para uma educação libertadora no Brasil e no mundo, cuidou-se para não se influenciar pelas inverdades atribuídas a ele principalmente ligadas a questões políticas. Muitos são os apontamentos feitos contra o seu método de ensino e sua ideologia por parte de grandes influenciadores nos principais meios de comunicação.

Ademais, quando se trata de aprofundar a busca de conteúdos científicos, tais como artigos ou monografias acadêmicas que tenham como abordagem relatar as contradições ou a ineficiência do pensamento proposto por Paulo Freire, não encontra-se matérias publicados com facilidade, uma vez que a principal motivação de seus adversários é justamente fazer com que os sujeitos permaneçam alienados, sem voz e sem vez numa sociedade injusta e opressora.

Uma das principais críticas atribuída a Freire refere-se ao fato de o autor defender a não neutralidade da educação. Ele afirma: “[...] em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe” (FREIRE, 2010, p. 71). É inegável que no campo político e educacional brasileiro haja pensamentos contrários ao modelo de educação proposto por Freire. Diversas críticas surgem referentes ao seu método: de um lado consideram o seu pensamento como um modelo educacional ideal, de outro lado; atribuem as falhas vigentes da educação à sua metodologia de alfabetização. Todavia, os seguidores do projeto escola sem partido afirmam que ao trabalhar assuntos políticos com os alunos os professores estarão doutrinando os mesmos sobre determinada ideologia. Miguel Nagib (2017) diz na revista Galileu.

O que a gente defende é que alguns dos ensinamentos de Paulo Freire se chocam com a Constituição. Nossa crítica é de natureza jurídica, porque o uso da sala de aula para efeito de transformação da sociedade, como ele defendia, dependendo da maneira com que isso é aplicado, viola a liberdade dos alunos e a neutralidade política e ideológica do Estado.

No que diz respeito à educação, para Freire (2005) de nada adianta ao educador ou a todo o cidadão, denunciar situações de opressão, entender os fatos ao qual cada sujeito se encontra se não assumirem para si mesmo o contexto da história e da própria educação como seres capazes de transformar e de reescrever o mundo.

É notório que em todo o discurso de Freire, no que tange seu pensamento, ao abordar a emancipação do homem, há uma ligação direta entre educação, política e emancipação. Segundo o autor há uma relação intrínseca e necessária entre educação e política, mas não necessariamente entre educação e emancipação. O autor entende que somente pela prática educativa não se pode chegar a uma transformação por si só e que esta por sua vez precisa estar ligada diretamente com a política para culminar na emancipação dos sujeitos.

Para Freire, não há prática política esvaziada de significado educativo, do mesmo modo, também não há educação neutra. Sob essa visão defendida pela “Escola sem Partido” na qual separam política da educação, esses adeptos passam a viver a neutralidade na educação, pensamento contrário ao de Paulo Freire (2005), tida numa visão funcional fechando os olhos para a realidade dos mais injustiçados e contribuindo para que os indivíduos não saiam de sua condição de oprimidos, principalmente no sistema capitalista.

Outra crítica referente ao pensamento freiriano, recai sobre a proposta inicial de alfabetização de adultos. Freire (2005), critica o formato mecanicista tanto da leitura como da escrita. Segundo ele, há um esvaziamento do signo linguístico transformando as palavras em depósito vocabular. Para Freire, educador e educando fazem parte do mundo e são sujeitos cognoscentes, ou seja, capazes de criar seu próprio conhecimento. De acordo com (OLIVEIRA, 2012, p. 510):

Se o homem cria conhecimento a partir de sua interação com o meio e de sua reflexão sobre ele, com o fim de agir para transformar a realidade, por que não considerar que a interação com a escrita cria também conhecimento sobre a escrita – objeto de uso social de que o adulto necessita como instrumento na luta pela transformação de suas condições de opressão?

Neste intuito, Freire propõe a metodologia da escrita com ato da criação. Este método demanda que educando e educador se encontrem mediados pelo objeto a ser conhecido, para isso é proposto o conceito de palavras geradoras. Estas palavras são signos que fazem parte do mundo social tanto do educador quanto do educando e que por isso possuem conteúdo pragmático. Além disso, Freire propõe que essas palavras geradoras sejam trissilábicas. A partir da proposição da palavra geradora é aplicado o método analítico sintético, separando as sílabas dessa palavra, conhecendo toda as famílias fonêmicas que se podem formar a partir das consoantes em questão e das demais vogais e ainda realizando um processo de síntese que é capaz de criar novas palavras a partir das famílias fonêmicas apresentadas (FREIRE, 1977).

O exemplo mais “famoso” de aplicação dessa metodologia foi apresentado por Freire (1967) utilizando a palavra “tijolo”. Primeiro é realizada a separação silábica (ti-jo-lo), depois apresentado as famílias fonêmicas (ta-te-ti-to-tu, ja- je-ji-jo-ju, la-le-li-lo-lu), posteriormente são formadas novas palavras a partir desses fonemas, tais

como: tatu, luta, lajota, tito, jato, jota, tela, etc. A crítica a este método se fundamenta em duas visões: linguística e social.

Do ponto de vista linguístico, a crítica a este método baseia-se na teoria de Saussure (1967, p. 139) que afirma que os signos linguísticos possuem duas dimensões intrinsecamente ligadas e que constituem “a unidade indissolúvel de um significante (forma) com um significado (conteúdo)”. Deste ponto de vista, como aponta Oliveira (2012, p. 520) acontece, no processo proposto por Freire, uma fragmentação do signo linguístico que acaba por “ênfatizar a aprendizagem da leitura e da escrita como uma questão mecânica”. Isto acontece porque a unidade mínima de significado passa a não existir, dando lugar a “bocados”, que, na perspectiva de Freire, são as sílabas (OLIVEIRA, 2012).

Como já dito, além da crítica linguística existe ainda a crítica social que se fundamenta no fato de que existe um afastamento entre o sentido das palavras criadas e a realidade existencial concreta dos alfabetizandos, o que se revela nas palavras de (OLIVEIRA, 2012, p. 520)

[...] o resultado é que, na sua maioria, os significados gerados apresentam-se semântica e existencialmente distantes das experiências de um pedreiro ou ajudante de pedreiro, por exemplo. [...] Dessa forma, as palavras produzidas são na sua maioria alheias ao contexto de uso (embora originados a partir dele) e, portanto, incapazes de expressar o pensamento-linguagem dos alfabetizandos.

Desta maneira podemos observar que há uma contradição na proposta metodológica de alfabetização apresentada por Paulo Freire. Essa contradição se dá tanto na perspectiva da linguística quanto na perspectiva no contexto social aos quais os alfabetizandos estão inseridos.

Ao fim deste tópico podemos chegar a consideração de que o método Freiriano, apesar da grande importância de sua reflexão a respeito da educação no Brasil e no mundo, possui pontos contraditórios que precisam ser levados em consideração para que se busque uma atualização cada vez mais efetiva de seu método. Deste modo, a crítica ao seu pensamento mostra-se como um passo necessário para a aplicação científica e aprimorada de suas reflexões

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que a método de ensino proposto por Paulo Freire na educação de adultos tem uma importância singular e uma influência significativa no que diz

respeito às esferas educacional, cultural, política e econômica do Brasil. Isso porque seu método, sua postura crítica e também sua insatisfação contra a sociedade opressora da época fizeram com que deixasse cravada sua marca em seu país de origem. Freire, ao apresentar seu método educacional nos anos 60, gerou uma reflexão profunda no que se refere a conteúdos educacionais, antropológicos e sobretudo políticos, o que ocasionou muitos embates, fazendo com que fosse considerado subversivo, comunista, e de alguma forma tido como uma ameaça à ordem pública. Todas essas questões fizeram com que ele fosse exilado durante dezesseis anos.

Ademais, esse seu pensamento que na época poderia ser interpretado como um fracasso, futuramente foi transformado numa grande experiência daquilo que outrora tinha vivenciado no Brasil, principalmente em suas obras literárias. Ao retornar do exílio assumiu grandes cargos na área educacional, no entanto, não perdeu sua predileção pela classe dos oprimidos, acreditando que era possível uma sociedade igualitária através de uma boa educação.

A proposta do método educacional que Paulo Freire traz vai muito além do que um simples processo de aquisição de conhecimento educacional. Pretende-se, na verdade, uma dinâmica de conscientização do sujeito para que ele possa se tornar um cidadão consciente de seu papel na sociedade e que ao mesmo tempo seja protagonista de sua própria história por meio da emancipação educacional. Por esta razão, é necessário que haja uma análise rigorosa de suas principais obras e que as elas sejam discutidas no âmbito acadêmico com cunho filosófico-sociológico, especialmente por aqueles que se dizem responsáveis e comprometidos com o desenvolvimento social e igualitário nas escolas, principalmente dentro das universidades, o que demanda tanto corroborações quanto críticas ao seu método.

Toda essa reflexão acerca da emancipação consiste na busca da superação do estado da heteronomia, ou seja, da situação de opressão, proporcionando ao sujeito que essa realidade se torne possível através de práticas libertadoras por parte dos próprios oprimidos. A emancipação dos sujeitos é de fato um processo de libertação política, cultural e social de todos que padecem do sistema opressor a começar pelos oprimidos ao se libertarem a si próprios e por conseguinte os opressores, na dialética de não deixarem ser oprimidos por ninguém novamente.

Em virtude do que foi mencionado, entende-se que após um primeiro contato com as principais obras de Freire, nenhum sujeito é mais o mesmo nos diferentes meios da sociedade, haja vista a tomada de consciência gerida pela capacidade crítica de cada pessoa. Essa capacidade crítica fará com que haja as devidas mudanças orientadas pelas entidades governamentais e a sociedade em geral visando uma sociedade igualitária, no campo político, econômico e cultural.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o Método Paulo Freire**. São Paulo. ed. Brasiliense, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=constitui%C3%A7%C3%A3o+federal+brasileira+artigo+6+capitulo+2&oq=constitui%C3%A7%C3%A3o+federal+brasileira+artigo+6%C2%B0%2C+cap%C3%ADtulo+&aqs=chrome.2.69i57j33l2.54606j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8#>>> acesso em 21 de mai. 2020.

DESMARAIS, Margareth Neves. **O método Paulo Freire e as contribuições político-pedagógicas para a educação brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Instituto Superior de Ensino La Salle, Niterói, 2011. p. 12. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3441/3/FPF_PTPF_21_008.pdf> Acesso em 20 de mai. 2020.

DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. **Constituição** (1996). Lei nº 9.394, Brasília, 20 dez. 2020. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.&text=%C2%A7%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disciplina,do%20ensino%2C%20em%20institui%C3%A7%C3%B5es%20pr%C3%B3prias..> Acesso em: 29 set. 2020.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Constituição** (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 13 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 29 set. 2020.

FIORI, Ernani Maria. Introdução. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 7-15.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 56.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 117-118.

_____. **Educação e Mudança**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 11.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 47-71.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire- Pensamento e Ação no Magistério**. ed. Scipione, 2004. p. 32.

GALILEU. **Legado de Paulo Freire é defendido por uns e odiado por outros.** Por: Marcelle Souza, 2 de maio de 2017, edição: Giuliana de Toledo. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05/legado-de-paulo-freire-e-defendido-por-uns-e-odiado-por-outros.html>> acesso em 02 de jun. de 2020.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

Linhas críticas (revista). **Alfabetização como ato de conhecimento em Freire: escrita e leitura de mundo.** Por: Edna Castro de oliveira. Brasília, DF: set./ dez. 2012. p. 505-527. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/issue/view/218>> acesso em 22 de maio de 2020.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos da metodologia científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ROMÃO, J.E. In. STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. (orgs.) **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008a. p. 150.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1967. p. 139.

SODRÉ, Werneck. N. **A ideologia do colonialismo: seus reflexos no pensamento brasileiro.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 8.

VALESE, Rui; SCHNORR, Gisele Moura. **Filosofia latino-americana e brasileira.** Curitiba: InterSaberes, 2018. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/.pdf>> acesso em 10/05/2020. p. 219-221.

ZITKOSKI, Jaime José. **Paulo Freire & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 91.